

INFORMALIDADE: PROBLEMA OU SOLUÇÃO?

Francieli Techio (BIC-UCS), Vania Beatriz Merlotti Herédia (orientadora), Sandro Rogério dos Santos - Deptº Sociologia/Centro de Ciências Humanase Comunicação/UCS - ftechio1@ucs.br

A retração do mercado de trabalho formal e o florescimento de ocupações reconhecidas pela informalidade motivaram a construção desta pesquisa. Dessa maneira, o estudo incluiu a análise da organização dos camelôs, dos recicladores, dos dogueiros e dos artesãos do município de Caxias do Sul. A pesquisa de campo teve natureza descritiva. Foram aplicados 235 questionários com questões abertas e fechadas. O método da pesquisa foi o histórico-estrutural, e o referencial teórico encontra-se nas obras de Ricardo Antunes (1997), Maria C. Cacciamali (1999) e Manoel L. Malaguti (2000). Os resultados da pesquisa definiram o perfil das categorias usadas para discutir o trabalho informal. Sexo feminino, idade entre 31 e 50 anos, não naturais do município, casados com família e filhos, escolaridade e renda baixa foram os indicadores do perfil encontrado. O estudo observou que, dependendo da categoria, já existia uma associação de classe apontando para sua própria organização. As condições de trabalho mostram jornadas longas e semanas contínuas de trabalho, sem vínculos empregatícios. Mostram ainda que a maioria dos entrevistados está na atividade há mais de 10 anos, mas que gostariam de pertencer ao mercado de trabalho formal. Percebeu-se, no estudo, que a ausência de emprego conduziu essas categorias à informalidade, e que essa situação, apesar dos baixos salários, permitiu uma ocupação temporária que se transformou em permanente. Muitos buscam na informalidade um complemento de renda familiar, por meio de atividades paralelas ao setor formal. Dessa forma, as condições enfrentadas pelos trabalhadores mostram que a inserção ocorre de forma precária, marcada por circunstâncias de instabilidade, sem previsão para ganhos futuros.

Palavras-chave: informalidade, precarização, trabalho

Apoio: UCS